



# Como escrever Nadir Afonso

---

## **Jorge Figueira**

Portugal. Arquiteto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1992) e doutorado pela Universidade de Coimbra (2009). É professor associado e foi diretor do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, entre 2010 e 2017. Investigador do Centro de Estudos Sociais. Membro externo do Conselho Geral do ISCTE-IUL. Curador de "Físicas do Património Português. Arquitectura e Memória" atualmente patente no Museu de Arte Popular, Lisboa. É autor de livros, entre os quais "A periferia perfeita. Pós-modernidade na arquitectura portuguesa. Anos 1960-1980". Tem textos seus publicados em revistas internacionais e realizou conferências e apresentações em vários países.

---

## Como Escrever Nadir Afonso

“Foi assim que cheguei àquilo que nunca, intimamente, fui:  
Arquiteto”, Nadir Afonso

1.

Como escrever, na perspectiva da arquitetura, sobre um homem que se forma e trabalha como arquiteto, mas que pensa como um filósofo e age como um artista? E que no entanto respira o mesmo tempo de Le Corbusier e de Oscar Niemeyer com quem colabora, nos anos cruciais de 1946-1948/1950-51 (com o primeiro) e 1951-54 (com o segundo)? Que procura o que define engenhosamente como sendo as “leis da harmonia” da arte, por imperativo “matemático”, quando a arquitetura remete para as “leis da perfeição”, sempre adiadas pela função? (Cepeda, 2017, 74). Parece um quebra-cabeças, um enigma. Talvez um *koan* budista: como estar no centro da arquitetura e negar a arquitetura?

“A Architectura não é uma Arte”, declarou Nadir Afonso em legítima-defesa, num tema com ressonâncias antigas mas actualizado por Adolf Loos como mote de crítica à Secessão Vienense. De facto, dir-se-ia que a arquitetura moderna resolveu esse problema. No manifesto da Bauhaus de 1919, Walter Gropius declara que “o objectivo final de todas as artes plásticas é a construção.” Não parece que Le Corbusier se preocupasse com a distinção: tudo tendia para a arquitectura, até a cidade. A polémica arte vs arquitectura é alheia à arquitetura moderna que tem uma visão messiânica do seu destino, que tudo engloba e tudo irá redimir. A obra de Oscar Niemeyer, em geral, e, a realização de Brasília, em particular, são prova disso; talvez alcançando ainda o estatuto de poema, para lá do pleno arte/arquitetura. (A arquitetura moderna brasileira teria assim uma componente literária que se acrescenta elegantemente à mais clínica e abstrata génese centro-europeia).

Mas Nadir Afonso fala do interior da pintura, e parecer habitar mais facilmente as vanguardas que irão convergir na arquitetura moderna – o futurismo, o construtivismo, o neoplasticismo, o expressionismo – do que a laboriosa síntese que

se designará como Movimento Moderno, doutrinada nos sucessivos CIAM (Congrès internationaux d'architecture moderne). Estas diversas experiências fundadoras têm a sua inclinação para-arquitectónica, atravessam ou redefinem as fronteiras. Mas têm um descompromisso com a realidade, são uma efabulação prestes a ser sugada pela arquitetura moderna. Le Corbusier cria com Amédée Ozenfant uma vanguarda pessoal, o purismo, que é uma destilação das conquistas do cubismo nesse ambiente para-arquitectónico. Pintava de manhã, à tarde fazia arquitetura.

É talvez essa manhã que Nadir mais gostaria de partilhar. A génese Belas Artes da formação em arquitetura em Portugal criou muitos arquitetos com vocação artística – ainda cria, embora já não se chame “pintura”. Nadir levou essa tentação até ao ponto de rutura.

2.

O que liga a vanguarda à arquitetura moderna, a manhã à noite, como uma religião, é a “geometria”. Escreveu Nadir Afonso: “O homem volta-se para a geometria como as plantas se voltam para o sol: é a mesma necessidade de clareza e todas as culturas foram iluminadas pela geometria, cujas formas despertam no espírito um sentimento de exatidão e de evidência absoluta” (Choupina; Afonso, 2017, 25). A metodologia de Nadir como analisada por Laura Afonso descreve na perfeição a via aberta pela geometria como instrumento e objeto que liga a arte à arquitetura, uma literacia fundamental da era moderna: “Nadir diz-nos que é necessário abstrairmo-nos do objeto de modo a conseguirmos *ver* a forma e a lei matemática que a determina”; ou ainda, de modo contundente: “a qualidade que leva qualquer objeto à categoria de obra de arte é de origem geométrica” (Afonso, 2017, 27).

Se a geometria é uma chave de leitura obrigatória, “Arquitectura sobre tela”, a exposição que esteve patente no Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, em 2017/2018, comissariada por António Choupina, revelou um objeto de eleição: a cidade. Regresso a Laura Afonso: “As cidades nadirianas são constituídas por arquiteturas de linhas e formas que no conjunto se modelam em volumes num equilíbrio estável; os fundos brancos imperam, as linhas que compõem os edifícios espriam-se entre um enleio e um enlevo de forma e cor” (*idem*, 28). Há no conjunto

de telas expostas como “Grand tour: cidades de uma vida”, um regresso da arquitetura com uma liberdade, exuberância e eficácia, que parece uma troça dos edifícios deixados para trás, pelo próprio e por todos os outros arquitetos desavindos. E são cidades para-arquitetónicas na melhor tradição das vanguardas modernas, talvez já com a história do século XX a pesar, em que “as formas de cores variadas criam uma geografia aparente, plena de metamorfoses, em que a forma geométrica perfeita é desfigurada e mutilada” (*idem*). Em qualquer caso, uma desfiguração e mutilação que contém uma aparente incontida alegria – talvez por ter escapado à “perfeição”; à “função”; à arquitetura.

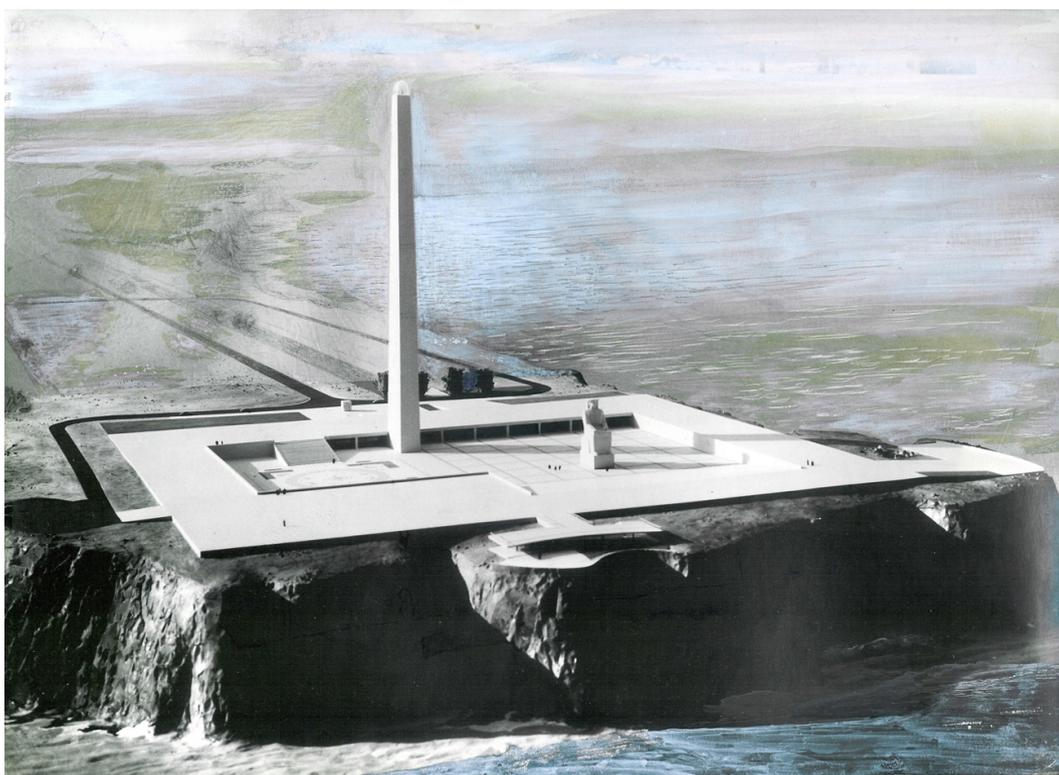


Fig. 1 - Nadir Afonso, Maquete do projecto para o concurso ao Monumento do Infante D. Henrique em Sagres (não construído), 1954-55.

No momento em que Nadir abandona a arquitetura, algures entre 1965 e 1970, observa João Cepeda, a sua pintura passará “maioritariamente” a focar “a temática urbana das cidades” (Cepeda, 2013, 83).

A haver uma troca ou uma compensação, as cidades – e a arquitetura – ficaram a ganhar.

3.

No centro do furacão, Nadir Afonso foi um viajante de itinerário extenuante, difícil de mapear. Tinha a arquitetura na algibeira, só podia ter; circula, colabora, teoriza, desenha, perspectiva. Entre Trás-os-Montes, Porto, Paris, Rio de Janeiro, São Paulo, Coimbra, Chaves, e muito mais.

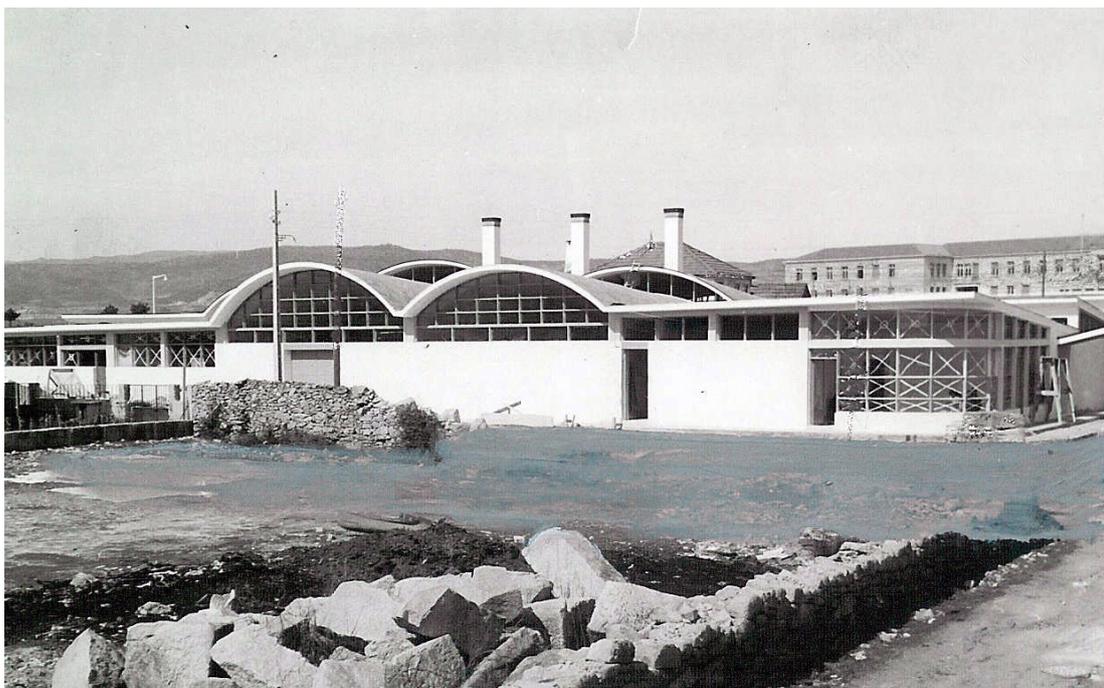


Fig. 2 - Nadir Afonso, Panificadora de Chaves em construção, 1962-64.

É tentador pensar que se o seu ambiente em Portugal, de onde parte e onde regressa, fosse uma das grandes cidades – Porto ou Lisboa – talvez a arquitetura pudesse ter sido uma arte. Nadir experimenta aquilo que é comum em qualquer tirocinante da arquitetura: a frustração, as dificuldades. Mas o seu temperamento filosófico, o seu talento artístico, e talvez o contexto, bloqueiam qualquer progressão ou afirmação plena como arquiteto. As obras mais significativas – as Panificadoras de Chaves (1962) e de Vila Real (1965) – podem ser vistas como uma homenagem à arquitetura moderna, uma espécie de despedida, que cruza a respiração exata *corbusiana* e o modo mais livre de Niemeyer. Não se imagina uma saída ou um avanço depois destes edifícios, na década do Team 10, de Louis Kahn, de Robert Venturi, de Aldo Rossi.

E, por isso, se a pintura é capaz de capturar o experimentalismo decorrente das vanguardas, a arquitetura de Nadir parece preocupada em fixar a convenção do que se entende como “arquitetura moderna”. É uma grafia cultivada, uma pintura tridimensionalizada, ainda assim um salto no desconhecido em terreno árido como é Trás-os-Montes nos anos 1960.



Fig. 3 - Nadir Afonso, Panificadora de Vila Real, 1965. Actualmente abandonada, degradada e vandalizada.

Retomando algumas notas de “Nadir Afonso: abandonar a arquitectura” (Figueira, 2017), é possível concluir que nos melhores projetos de Nadir há uma tentativa de fixar um momento encantatório, em que a arquitetura é só plasticidade; onde o pintor pode fluir e a pintura pode recomeçar. Como acontece em muitos edifícios modernos dos anos 1950/1960 há uma sobreposição do regresso à radicalidade do período heróico (anos 1920/1930) com um já certo anacronismo do modelo.

O projeto do Teatro “Rotativo”, de 1957, é talvez uma exceção: tem uma integridade e complexidade particulares; e, por uma vez, a arquitetura (desenhada) parece acompanhar a exigência das “leis da harmonia” que Nadir atribui à arte.

A compactação mais do que a síntese, e a grafia mais do que o espaço, tomam conta da obra arquitetónica. A Unidade de Habitação de Marselha e o Ibirapuera são lugares que pairam, inatingíveis, mitológicos; não chegou a haver tempo para a crítica, para a revisão. Nem espaço.

De qualquer modo, o que fazer depois de Ronchamp? O que fazer depois de Brasília? A arquitetura está a divergir para todos os lados. Aquilo que ilumina a arquitetura de Nadir é também aquilo que impede a sua progressão; os anos 1960 fragmentam o projeto, ao ponto da “arquitetura sem arquitetos”, das “não-arquiteturas”, dos “telegramas arquitetónicos”.

4.

Objeto de publicações e exposições recentes, nomeadamente no primoroso Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, projetado por Álvaro Siza, a obra de Nadir tem vindo a ser inscrita no panorama artístico e arquitetónico português, depois de um longo silêncio. Como comecei por dizer, não é simples escrever sobre um arquiteto determinado em sair da arquitetura, que no entanto colabora com figuras centrais da arquitetura moderna (a que se deve acrescentar ainda a passagem pelo atelier de Georges Candilis, Alexis Josic e Shadrach Woods, em Paris, entre 1954-60).

Não é fácil de avaliar se a proximidade de figuras com o carisma e a relevância de Le Corbusier ou Niemeyer terá tido um efeito de estímulo ou de dissuasão. Mas mesmo com uma obra rarefeita ou destruída, Nadir representa como poucos em Portugal o lado irreprimível da visualidade abstrata que a “geometria” permitia alcançar e que ganhou expressão tentativa no futurismo, laboratorial no construtivismo, ou normativa no neoplasticismo. Quando abandona a arquitetura, pode concentrar-se no essencial: a mundivisão que a “abstração” cria; um olhar cuja transferência para a arquitetura é sempre um compromisso, por vezes belo.

A obra de Nadir mostra o lado mais cru e cruel do evidente formalismo da arquitetura moderna; do seu extenuante caderno de encargos estético; de um quase inevitável falhanço. Na presença ou na sombra de figuras que ganharam um carácter mítico como

Le Corbusier ou Niemeyer, é pesado o que Nadir tem que transportar dentro ou fora da algibeira. A “arquitetura moderna” antes de ser arquitetura é essencialmente pintura ou escultura ou arte, pela mão das vanguardas, e com Nadir regressa a esse estado original. Não me parece que houvesse outra alternativa. Em Moçambique, Pancho Guedes, outro pintor-arquiteto-pintor em erupção, nos anos 1960, sabota a tradição moderna usando Kahn, Venturi, o vernacular, o surreal; o que tem a mão. Tenta sair do *loop*. Fernando Távora e Álvaro Siza são já portadores, em patamares diferentes, de uma visão crítica das “leis da perfeição” modernas.



Fig. 4 - Álvaro Siza, Embasamento do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, Chaves, 2014-2016.

Nadir Afonso não tem para onde ir; como Niemeyer, depois de Brasília, também não tem; e Le Corbusier morre.

Mas ao regressar à pintura – de onde nunca saiu – cumpre a formulação que está na origem da arquitetura moderna. Sem a atraiçoar; expandindo-a cosmicamente; sem os constrangimentos da “função” e da “perfeição”.

Os triângulos e círculos que Álvaro Siza recortou nas lâminas que suportam o Museu que projetou em Chaves, para Nadir, são afinal um gesto cúmplice, uma homenagem ao homem que abandonou a arquitetura.

### **Bibliografia**

Afonso, Laura, “Arte e arquitectura”, in Choupina, António; Afonso, Laura (coord.), *Arquitectura sobre tela. Architecture on canvas*, Câmara Municipal de Chaves, 2017.

Cepeda, João, *Nadir Afonso. Arquitecto*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013.

Choupina, António; Afonso, Laura (coord.), *Arquitectura sobre tela. Architecture on canvas*, Câmara Municipal de Chaves, 2017.

Figueira, Jorge, “Nadir Afonso: abandonar a arquitectura”, in Choupina, António; Afonso, Laura (coord.), *Arquitectura sobre tela. Architecture on canvas*, Câmara Municipal de Chaves, 2017, p.118-123.